



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS V  
CURSO DE LETRAS, LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS**

**MARLENE MOTA SILVA**

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO  
ENSINO FUNDAMENTAL II: UMA VISÃO DOGMÁTICA OU CIENTÍFICA DE  
LÍNGUA?**

Santo Antônio de Jesus - BA  
2024

**MARLENE MOTA SILVA**

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO  
ENSINO FUNDAMENTAL II: UMA VISÃO DOGMÁTICA OU CIENTÍFICA DE  
LÍNGUA?**

Artigo apresentado ao Curso de Letras, Língua Portuguesa e Literaturas como Trabalho de Conclusão de Curso como requisito parcial para obtenção do título de graduação em Letras.

Orientador: Prof. Me. Manoel Crispiniano Alves da Silva

Santo Antônio de Jesus – BA  
2024



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**MARLENE MOTA SILVA**

### **A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL II: UMA VISÃO DOGMÁTICA OU CIENTÍFICA DE LÍNGUA?**

Trabalho apresentado à Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas – Campus V, como requisito parcial para a obtenção do grau em Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas.

Aprovado pela seguinte Banca Examinadora no dia 05 de junho de 2024

*Manoel Crispiniano Alves da Silva*

Orientador: Professor Mestre Manoel Crispiniano Alves da Silva (UNEB- Campus V)

*Juliete Basto Macedo*

Parecerista: Professora Mestre Juliete Basto Macedo (UNEB- Campus IX)

*Maximiano Martins de Meireles*

Parecerista: Professor Doutor Maximiano Martins de Meireles (UNEB- Campus V)

Santo Antônio de Jesus - BA  
2024

## A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL II: UMA VISÃO DOGMÁTICA OU CIENTÍFICA DE LÍNGUA?

Marlene Mota Silva<sup>1</sup>  
Manoel Crispiniano Alves da Silva<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente estudo tem por objetivo apresentar uma investigação de como a temática da variação linguística está sendo abordada no livro didático (LD) de língua portuguesa (LP). Para desenvolver essa investigação, o *corpus* analisado é o livro de “Português Linguagens”, de uma coleção aprovada pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) no ano de 2022, de autoria de Willian Cereja e Carolina Dias Vianna, direcionado para 9º ano do ensino fundamental II. Para obtenção dos resultados, será utilizada uma abordagem qualitativa, por meio de uma análise documental. Como quatro teórico, baseamo-nos nos postulados da Sociolinguística Educacional (Bortoni-Ricardo, 2004, 2005), Bagno (2007), Faraco (2005). Será analisado a proposta da BNCC (2018) para a abordagem da Variação Linguística. Em síntese, os resultados mostram que a heterogeneidade linguística não tem o tratamento que se esperava, visto que, na seção que é destinada a tratar do fenômeno, os autores abordam a questão do Estrangeirismo.

**Palavras-chave:** Livro didático; Variação linguística; Sociolinguística Educacional.

**ABSTRACT:** The present study aims to present an investigation of how the topic of linguistic variation is being addressed in the Portuguese language (LP) textbook (LD). To develop this investigation, the corpus analyzed is the book “Português Linguagens”, from a collection approved by the National Textbook Program (PNLD) in the year 2022, authored by Willian Cereja and Carolina Dias Vianna, aimed at the 9th year of elementary education II. To obtain the results, a qualitative approach will be used, through a documentary analysis. As a theoretical four, we are based on the postulates of Educational Sociolinguistics (Bortoni-Ricardo, 2004, 2005), Bagno (2007), Faraco (2005). The BNCC (2018) proposal for the approach to Linguistic Variation will be analyzed. In summary, the results show that linguistic heterogeneity does not receive the treatment that was expected, since, in the section intended to deal with the phenomenon, the authors address the issue of Foreignness.

**KEYWORDS:** Textbook; Linguistic variation; Educational Sociolinguistics.

### 1 INTRODUÇÃO

Segundo Brochenek (2013), o ensino de Língua Portuguesa, durante um longo período, apoiou-se apenas na gramática normativa, desse modo, desconsiderava e excluía as diversas maneiras de falar do estudante, ou seja, não considerava a heterogeneidade que é inerente à língua e as variantes que se distanciavam do padrão idealizado eram consideradas inadequadas

---

<sup>1</sup> Estudante do Curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)-Campus V.

<sup>2</sup> Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Atualmente, é professor substituto da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e orientador deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

e sem prestígio. Assim, o foco era o ensino de gramática normativa com fim em si mesma, de maneira descontextualizada, sem se pensar na situação comunicativa nem nos usuários da língua (Antunes, 2003).

Tendo em vista essa realidade, é importante pontuar que a função da escola é auxiliar o aluno a entender a realidade linguística, levando-o a conhecer e a respeitar as variantes sociais, regionais e situacionais. Nesse contexto, o livro didático exerce um papel importante, visto que é um excelente e, em muitas realidades, o único recurso didático à disposição do regente que está em sala de aula.

O livro didático, como recurso distribuído gratuitamente aos alunos das escolas públicas, sendo o recurso mais utilizado pelos estudantes e professores, em especial na rede pública de ensino, possui a responsabilidade, junto aos docentes de Língua Portuguesa, de promover não só o conhecimento da norma-padrão, mas também de conscientizar a importância da variação linguística para sociedade, como fator de construção e reconstrução da identidade nacional, diminuindo o preconceito linguístico (Coelho, 2007).

Dessa forma, trabalhar, pedagogicamente, as variações linguísticas nas escolas é fundamental para promover a valorização da diversidade cultural e linguística dos estudantes, devendo essa temática ser incorporada em diferentes disciplinas e atividades.

A esse respeito, Bagno (2007, p. 29) menciona que “a variação linguística ou fica em segundo plano na prática docente ou é abordada de maneira insuficiente, superficial, quando não distorcida”. Essa realidade também é encontrada nos livros didáticos, a perspectiva é que, tenha avançado, devido aos debates instaurados sobre, mas a tendência é que muitos deles apresentem um método funcionalista.

No entanto, a variação linguística apresentada nos livros didáticos ainda é superficial, com ineficácia para combater o preconceito linguístico, visto que os principais alvos são pessoas que se afastam dos modos de falar prescritos pela norma-padrão. Por conseguinte, isso pode levar o aluno a compreender que esse fenômeno é sinônimo de erro, ou só ocorre apenas na fala das pessoas que moram na zona rural ou das pessoas desprovidas de escolarização.

A variação linguística deve fazer parte das aulas de Língua Portuguesa, para mostrar aos alunos que a língua é dinâmica e que todas as variedades da língua portuguesa são válidas e pessoas oriundas das camadas menos favorecidas, como a zona rural, apresentam em seu repertório linguístico uma variação estigmatizada não precisam sofrer preconceito linguístico.

Como disse Bagno (1999), o preconceito linguístico deriva da construção de um padrão imposto por uma elite econômica e intelectual que considera como “erro” e, consequentemente, reprovável tudo que se diferencie desse modelo. Além disso, está

intimamente ligado a outros preconceitos também muito presentes na sociedade.

Segundo Bagno (2007, p.119), os livros didáticos de português deram um espetacular salto de qualidade desde que, em 1996, foi instituído o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), por meio do qual o Ministério da Educação avalia, compra e distribui obras destinadas ao ensino de diferentes disciplinas que compõem o currículo do ensino fundamental.

Desse modo, este trabalho, pautado nos postulados da Sociolinguística Educacional, busca responder à seguinte questão de pesquisa: Como a Variação Linguística é representada no livro didático de Língua Portuguesa do 9º ano do Ensino Fundamental.

Diante desse cenário, esta investigação tem como objetivo geral analisar o tratamento pedagógico da variação linguística no livro didático de Língua Portuguesa do 9º ano do Ensino Fundamental II. Como objetivos específicos, pretende-se (i) Identificar as variedades linguísticas presentes no material analisado; (ii) Observar como são tratados os aspectos morfosintáticos característicos do PB; (iii) Verificar se a variação linguística fica restrita apenas ao nível lexical.

Este artigo estrutura-se em seis seções. Nesta primeira seção, foram apresentadas as considerações iniciais. Na segunda, o livro didático e a sua importância para o ensino de Língua Portuguesa. Na terceira, são sistematizados aspectos referentes à Base Comum Curricular e à Variação Linguística. Na quarta, os aspectos teóricos e metodológicos desta investigação. Na quinta, os resultados alcançados e, na sexta, por fim, as considerações finais.

## **2 O LIVRO DIDÁTICO E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Mesmo tendo consciência da qualidade dos materiais comprados e disponibilizados pelo PNLD, os autores dos livros didáticos não têm, muitas vezes, a preocupação de representar o aluno de classe social e aspectos das regiões não privilegiadas de maneira positiva, afinal para quem o livro didático é feito, pensado e distribuído? O livro didático foca o tratamento direcionado às pessoas de classe mais favorecida economicamente às variantes privilegiadas, esse é um fato marcante na grande maioria dos textos propostos.

Um estudo realizado por Bagno (2007) demonstra que a variação linguística nos livros didáticos segue recebendo um tratamento inadequado. Para o linguista, no livro didático, há sim por parte dos autores, uma tentativa de combater o preconceito linguístico. No entanto, não há uma assimilação dos estudos descritivos desenvolvidos por pesquisadores brasileiros no âmbito da Linguística. Por isso, é perceptível o emprego de termos e conceitos de forma confusa que prejudica a maneira de abordar os fenômenos da variação e da mudança linguística.

Bagno (2007) esclarece:

Um dos principais problemas encontrados nos livros didáticos é uma tendência a tratar da variação linguística em geral como sinônimo de variedades regionais, rurais ou de pessoas não escolarizadas. Parece estar por trás dessa tendência a suposição (falsa) de que falantes urbanos e escolarizados usam a língua de um modo mais “correto”, mais próximo do padrão, e que no uso que eles fazem não existe variação (Bagno, 2007, p.15).

Nesse contexto, os materiais didáticos analisados pelo autor utilizam, com frequência, as tirinhas de Mauricio de Souza representando as falas dos moradores do interior da capital de São Paulo, mais precisamente os moradores da zona rural, levando a uma compreensão errônea de que a heterogeneidade é um fato que acontece apenas na fala daquelas pessoas que vivem na zona rural e não como algo inerente à língua.

De forma similar, observa-se que alguns professores aderem essas revistas como material para trabalhar em sala de aula com variação linguística usando a fala de Chico Bento, que fala conforme a cultura rural. No entanto, a escola deveria usar essa diferença para combater o preconceito linguístico e não ser um espaço de reforço da estigmatização. Porém, as normas consagradas pela gramática normativa são de maior valor na escola.

Nessa conjuntura, percebe-se uma inclinação em determinar que a variação linguística é correspondente à fala rural ou popular, sem levar em conta que os falantes letrados das metrópoles fazem uso também da variação, pois, empiricamente, a homogeneidade é uma ilusão já que na concepção Sociolinguística, a língua é intrinsecamente heterogênea.

Diante disso, vale pontuar que, conforme pontua Faraco (2004, p.2):

(...) cabe ao ensino ampliar a modalidade sociolinguística do falante (garantir-lhe um trânsito amplo e autônomo pela heterogeneidade linguística em que vive) e não concentrar-se apenas no estudo de um objeto autônomo e despregado das práticas sócio verbais (o estrutural em si). Portanto, tratar pedagogicamente a variação linguística é papel das aulas de língua portuguesa.

Desse modo, o livro didático, que é uma ferramenta considerada como fonte de informação, pode ampliar a variação linguística, como bem trouxe Faraco (2004).

Assim sendo, mesmo que as pesquisas Sociolinguísticas têm ganhado espaço, ainda é nítido que as escolas adotam uma pedagogia que opte pela norma-padrão, numa perspectiva elitizada. Além disso, é papel da escola também ensinar a norma de maior prestígio social, pois o estudante fará uso em situações mais formais que exigem um maior grau de monitoramento estilístico. Porém, o professor não pode negligenciar as variedades que o aluno traz ao chegar à escola.

### 3 A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Com a nova edição em 2018 da Base Nacional Comum Curricular (doravante BNCC), Documento Federal orientador dos Currículos Estaduais e Municipais de todo o país, consolidou-se o ensino de língua portuguesa com base nos gêneros discursivos. Em outras palavras, a centralidade deixa de ser as unidades linguísticas estudadas com fim em si mesma e passa ser o uso linguístico em diferentes gêneros.

Nesse âmbito, a BNCC menciona que:

Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado (Brasil, 2017, p. 81).

À vista disso, fica evidente que a BNCC assume uma visão de língua enquanto uma realidade heterogênea, conforme postula os pressupostos da Sociolinguística. Nesse sentido, como pode ser visto no documento, é papel da escola combater o preconceito linguístico.

Diante disso, observa-se que a corrente da Sociolinguística Educacional tem ganhado cada vez mais espaço nos documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que, conforme Bortoni-Ricardo (2018), a Sociolinguística Educacional tem colaborado significativamente para o ensino de Língua Portuguesa, quando visam ao alinhamento dos conteúdos e das competências linguísticas trazidas na BNCC.

Bortoni-Ricardo (2018) esclarece:

Nas duas últimas décadas, os educadores brasileiros, com destaque especial para os linguistas - seguindo uma corrente que nasceu da polêmica entre a postura que considera “erro” uma deficiência do aluno e a postura que vê os chamados “erros” como uma situação de diferença entre duas variedades – têm feito um trabalho importante, mostrando que é pedagogicamente incorreto usar a incidência do erro do educando como uma oportunidade para humilhá-lo. Ao contrário, uma pedagogia que é culturalmente sensível aos saberes dos educandos está atenta às diferenças entre a cultura que eles representam e a da escola, e mostra aos professores como encontrar formas efetivas de conscientizar os educandos sobre essas diferenças (Bortoni-Ricardo, 2018, p.37 e 38).

A autora defende ainda que a Sociolinguística tem o poder de influenciar o professor durante sua abordagem na sala de aula, promovendo um ensino significativo de acordo com as demandas do aluno da contemporaneidade.

Nessa perspectiva, para Bagno (2007), a variação linguística e todos os seus aspectos são questões muito discutidas, tanto no espaço acadêmico como na sala de aula. À vista disso, percebemos alguns avanços nas últimas décadas, e mudanças nas orientações referentes a essa temática trazidas pelos PCNs e, posteriormente, pela BNCC, que objetiva garantir o cumprimento das demandas previstas nas diretrizes e orientações oficiais.

Nesse contexto, no que diz respeito a Língua Portuguesa, vale mencionar o que afirmam os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998):

O ensino de Língua Portuguesa deve oferecer condições para que o aluno desenvolva seus conhecimentos sabendo: Ler e escrever conforme seus propósitos e demandas sociais; Refletir sobre os fenômenos da linguagem, particularmente os que tocam a questão da variedade linguística, combatendo a estigmatização, discriminação e preconceitos relativos ao uso da língua (Brasil, 1998, p. 59).

A BNCC orienta que o ensino de Língua Portuguesa deve priorizar o desenvolvimento das habilidades de leitura, escrita, oralidade e escuta, além de promover a reflexão sobre a língua e a valorização da diversidade linguística e cultural.

A BNCC propõe para o ensino fundamental II, que o ensino da variação linguística não negue os sistemas de normas e regras da norma-padrão, mas que, diante dele, crie uma percepção crítica referente à homogeneidade da língua nas escolas mediante as práticas aliado à Análise Linguística/Semiótica, incluindo também a oralidade.

Sob esse viés, sem sombra de dúvidas, o aluno irá compreender que a heterogeneidade é um fenômeno inerente à língua, dirimindo, assim, o preconceito linguístico em relação às variedades estigmatizadas, sem deixar de saber utilizar, com proficiência, as normas de prestígio segundo o gênero discursivo, o interlocutor e a situação sociocomunicativa.

#### **4 QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO**

Nesta pesquisa, utilizamos a abordagem qualitativa, tendo em vista que lançamos o olhar na análise interpretativa a partir dos exercícios e das imagens presentes no livro didático (LD) selecionado. Trata-se de uma pesquisa documental direcionada à análise da abordagem da variação linguística em uma coleção de livro didático.

Para alcançar esse objetivo, analisamos a coleção “Português Linguagens”, aprovada pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2024 dos autores William Cereja<sup>3</sup> e

---

<sup>3</sup> William Cereja possui doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Ele é mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de

Carolina Dias Vianna<sup>4</sup>. Essa coleção foi adotada na rede pública do município de Santo Antônio de Jesus-BA, onde a autora deste trabalho atua como estagiária.

O LD analisado está dividido em quatro unidades e subdividido em três capítulos. A seção analisada, está localizada na Segunda Unidade, no capítulo III, tendo como subtítulo “A língua em foco que trata da Análise Linguística, trazendo a variação linguística abordando o Estrangeirismo.

Da coleção, escolhemos o livro Português Linguagens, por se tratar de um material de fácil acesso, distribuído gratuitamente nas escolas públicas destinados ao público do 9º ano, decidimos analisar a proposta deste livro didático em relação ao trabalho com variação linguística.

No entanto, o LD analisado oferece um direcionamento ao se tratar de ensino de LP na Educação Básica, ao trazer conteúdos que correspondem com o objeto de conhecimento e as habilidades apresentadas na BNCC, demonstra que a obra foi pensada para adolescentes do 9º ano do Ensino Fundamental como seres que precisam interagir com as variadas situações de comunicação. Atendendo assim, as habilidades mínimas indicadas pela BNCC (2018). Pois, este ensino deve possibilitar aos alunos a conhecer algumas das variedades linguísticas do português do Brasil, reconhecendo a variação linguística, sobretudo, desmistificando a noção de erro entre as variedades prestigiadas e estigmatizadas e assim, drimir com o preconceito linguístico.

Esta pesquisa utiliza como embasamento teórico autores como Bortoni-Ricardo (2004, 2005), Bagno (2007), Coelho (2007), Vieira (2018) entre outros, visto que esses autores, além de tratarem da variação linguística, discorrem sobre a variação linguística e o ensino do português como língua materna.

A Sociolinguística é uma disciplina científica que estuda a covariação entre estrutura e fatores sociais, analisando variações linguísticas observáveis em uma comunidade de fala, verificando as interferências externas existentes na estrutura da língua. O objeto da Sociolinguística, portanto, é estudar a diversidade linguística.

Para a Sociolinguística, a língua é dotada de “heterogeneidade sistemática/ordenada”, ou seja, a variação linguística é passível de uma análise científica, fato que permite a

---

São Paulo (USP) e bacharel em Letras-Português, com formação em Linguística e licenciatura em Letras-Português também pela USP. Atualmente, leciona na rede privada de ensino em São Paulo (SP).

<sup>4</sup> Carolina Dias Vianna possui doutorado em Linguística Aplicada na área de Linguagem e Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp-SP). É mestre em Linguística Aplicada na área de língua materna, também pela Unicamp. Bacharela e licenciada em Letras-Português pela Unicamp-SP, atua como professora nas redes pública e privada de ensino nos estados de São Paulo e Minas Gerais.

identificação e a demarcação de diferenças sociais na comunidade, constituindo-se como parte da competência linguística dos indivíduos, o domínio de estruturas heterogêneas (Weinreich; Labov; Herzog 2006, p.101).

A variação linguística e todos os seus aspectos são questões muito discutidas, sobretudo no espaço acadêmico, sendo desejavelmente que seja, também, na sala de aula. Dessa forma, percebemos avanços bem significativos realizados nas últimas décadas, visto que as orientações oficiais referentes a essa temática já vêm desde os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e, posteriormente, pela BNCC, buscando que a referida temática seja trabalhada, pedagogicamente, no ensino de língua portuguesa.

Nesse contexto, no que diz respeito ao ensino de língua portuguesa, vale trazer à baila o que afirma Mattos e Silva (2004, p. 35):

Essa pedagogia voltada para o todo da língua e não para algumas de suas formas, decerto socialmente privilegiada, levará o indivíduo a, desde o momento em que começa a refletir sobre a língua - o que se processa desde a alfabetização -, ter consciência de que sabe falar a língua que fala todo dia, mas que precisa saber mais sobre ela e que esse saber pode crescer com ele por toda sua vida.

À vista disso, fica claro que o ensino de língua portuguesa não pode ser pautado única e exclusivamente no ensino da norma-padrão, mas devem ser considerados os diferentes usos que o aluno faz da sua língua. Assim, o estudante falante do português, como língua materna, não irá reproduzir mitos como achar que não sabe falar português, que sua língua é difícil, reproduzindo, dessa forma, um perverso preconceito linguístico (Bagno, 2007).

No entanto, o ensino de língua portuguesa tem sido realizado em uma perspectiva de um ensino da gramática, sem considerar a heterogeneidade que é inerente à língua, conforme aponta Antunes (2003, p.31):

Uma gramática descontextualizada, amorfa, da língua como potencialidade; gramática que é muito mais “sobre a língua”, desvinculada, portanto, dos usos reais da língua escrita ou falada na comunicação do dia a dia.

Portanto, tendo em vista como tem sido feito o ensino da metalinguagem, pode-se concluir que a visão de língua que norteia o ensino de português não é a funcionalista, que leva a considerar os usos efetivos da língua. Dessa forma, “A escola brasileira ocupa-se mais em reprimir do que incentivar o emprego criativo e competente do português” (Bortoni-Ricardo, 2005, p.16).

Nessa perspectiva, a disciplina de Língua Portuguesa deveria servir como ponte para ampliar a criatividade do aluno oportunizando-o, no sentido de contextualizar seus

conhecimentos referente a língua e praticar o que aprendeu na sua comunidade bem como na escola, fator este que leva o aluno a se aproximar da teoria pedagógica e fazer uso das variadas maneiras de efetuar a comunicação por meio da língua falada ou escrita.

Logo, cabe à escola trabalhar com os alunos no sentido de respeitar as diferenças linguísticas em todos os níveis da língua, respeitando a individualidade do aluno, evitando que o estudante sofra quaisquer tipos de discriminação.

## **5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

A variação linguística está inserida no capítulo III, localizada na página 140, a qual se intitula “A Língua em Foco”, a atividade encontra-se na página 141. Com isso, os autores Willian Cereja e Carolina Dias Vianna ensinam para os alunos do Ensino Fundamental que grupos sociais são diferenciados pelo uso da língua e o estrangeirismo tem entrado na língua portuguesa. Diante disso, surgem os seguintes questionamentos: mas até que ponto isso pode ser visto de forma positiva? Usar termos em outras línguas transmitem mesmo sofisticação ou modernidade? No contexto trazido pelo livro didático, foi a melhor forma de abordar a variação linguística?

Nessa perspectiva, advoga-se que a incorporação de palavras estrangeiras na língua portuguesa é um fator cultural que faz parte da dinâmica da língua.

Para Bagno (2007), vale reiterar que a avaliação não é estritamente linguística, mas, sobretudo, social, pois o que está sendo avaliado não é apenas o uso da língua, mas o indivíduo que faz uso da língua. O linguista também considera que os usos de expressões estrangeiras na língua portuguesa jamais podem ser considerados como uma variedade negativa, já que é um fator cultural que faz parte da dinâmica social e linguística.

Em vista disso, é importante pontuar que o contato entre línguas é uma tônica de toda sociedade em todos os tempos, inclusive na modernidade. Por isso, todas as línguas recebem influências de línguas estrangeiras, principalmente na atualidade, com o avanço tecnológico e a globalização. Por conseguinte, temos um crescente aumento de expressões estrangeiras, em especial, as de origem inglesa por conta da influência socioeconômica dos Estados Unidos sobre o Brasil.

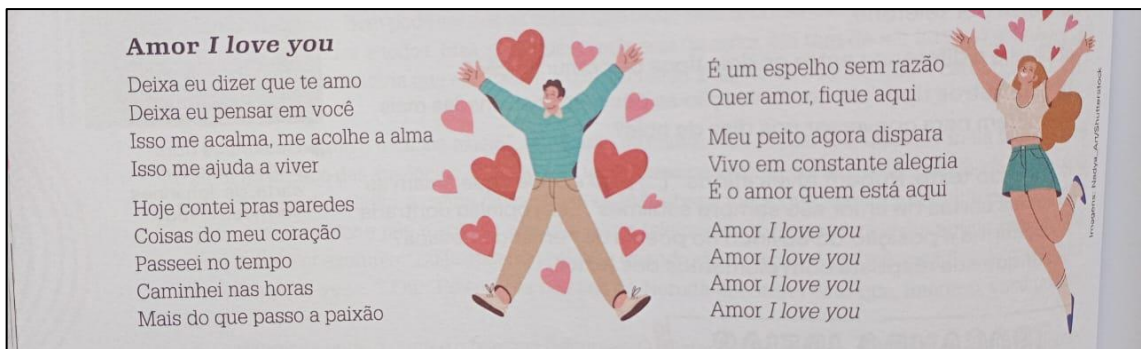
No contexto trazido pelo livro didático, a forma de abordagem do Estrangeirismo não foi muito eficiente. Isso porque os autores do LD analisado poderiam ter contextualizado o tema, apresentando aos alunos as principais línguas que influenciaram a língua portuguesa,

evidenciando, sobretudo, a questão econômica por trás desse fenômeno linguístico, enfatizando setores em que o estrangeirismo tem presença garantida nos dias atuais, como no mundo da moda, no setor de informática e tecnologia, nas redes sociais, nas filiais estrangeiras entre outros. Com isso, os alunos iriam perceber que o contato entre as línguas é um processo cultural, sendo influenciado, principalmente, por questões de ordem econômica.

Para tratar da heterogeneidade linguística, os autores fazem o uso de uma canção intitulada de *Amor I Love You* da compositora Marisa Monte, para chamar atenção para o uso do estrangeirismo, caracterizado por uma variação diacrônica causada por processo histórico influenciada pelos americanos que os brasileiros adotaram. Ainda assim, por meio de um exercício proposto, o LD analisado trata superficialmente sobre a variação linguística, assunto esse que deveria ser mais aprofundado pelos autores.

A seguir, apresentamos a imagem retirada do livro para análise.

Figura 1 - Imagem da letra da canção para trabalhar o estrangeirismo



Fonte: (Cereja; Vianna, 2024, p. 140)

Analisando esta letra da canção, possivelmente o professor fará a leitura da canção com a turma e conseqüentemente, colocará a canção para ser ouvida. Com isso, fica claro que haverá uma discussão sobre Estrangeirismo, fenômeno esse caracterizado por duas ou mais línguas em contato. O Estrangeirismo, como fruto de relações culturais, políticas e sociais, é uma variação utilizada na grande maioria das vezes por grupos privilegiados, que ajusta à fonética e à ortografia da língua portuguesa ou é inserida com a sua grafia original.

Nesse sentido, ao trabalhar essa temática, o professor pode problematizar de onde vêm os estrangeirismos, problematizando a relação de poder que há entre os países e que se reverbera na língua. Os estrangeirismos que permeiam no Brasil são oriundos dos países europeus, o que evidencia uma relação de poder entre a ex-colônia e esses países.

A seguir, será apresentada a atividade relacionada a essa problemática. O livro indica a habilidade da BNCC EF09LP12 que consiste em: Identificar estrangeirismo, caracterizando-

os segundo a conservação, ou não, de sua forma gráfica de origem, avaliando a pertinência ou não, de seu uso. Assim sendo, a BNCC estabelece em todo país diretrizes gerais para a elaboração dos currículos escolares. Mas, quanto ao uso de estrangeirismo em materiais didáticos, a BNCC enfatiza que ao ensinar Língua Portuguesa, se faça uma reflexão sobre diferentes culturas e línguas, objetivando a ampliação dos repertórios linguísticos adequando-os à comunicação.

Assim sendo, este ensino de Língua Materna, apontada neste trabalho, fomenta um processo educacional democrático, tendo em vista que se considera através dos estudos Sociolinguísticos o reconhecimento da pluralidade linguística através da relação entre língua e sociedade.

Figura 2 - Questão 01 relacionada ao tema Estrangeirismo

1. Observe o tema dessa letra de canção.

a) Qual é ele?

b) O eu lírico parece sentir-se realizado? E correspondido? Justifique com verso(s) da canção.

c) No final da letra, há um trecho de um romance, *O primo Basílio*, de Eça de Queiroz, escritor português do século XIX. Nele, o narrador descreve de que maneira a personagem principal, Luísa, reage ao receber um bilhete de amor. A reação dessa personagem parece alinhada ao sentimento do eu lírico da canção? Explique.

d) Você já ouviu essa canção? De que maneira esse trecho de romance faz parte da letra dessa canção?

e) Você se identifica com a concepção de amor expressa nessa canção? Explique.

Fonte: (Cereja; Vianna, 2024, p. 140 e 141)

Ao analisarmos a atividade 1, confirmamos que, por meio dos exercícios, os alunos são convidados a explorarem a letra da canção. No entanto, nessa atividade, mesmo estando em um capítulo que trata sobre variação linguística, não é sistematizado esse fenômeno da forma que acreditamos que deveria.

À vista disso, perguntamo-nos que não seria mais sensato os autores trazerem canções que apresentam como temática a diversidade linguística do Brasil, a exemplo a canção “O Amor antigramático” de Geraldo Azevedo<sup>5</sup>, a qual problematiza a colocação pronominal e a distância que há entre a prescrição e o uso dos pronomes átonos no Brasil.

Diante de tantos trabalhos desenvolvidos nas universidades brasileiras que mostram a

<sup>5</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=k9jO-SFQqGg&ab\\_channel=Deck](https://www.youtube.com/watch?v=k9jO-SFQqGg&ab_channel=Deck)



A BNCC aponta que ao trabalhar este assunto em sala de aula seja com as seguintes habilidades: EF69LP56: consiste em Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situação de fala e escrita nas quais ela deve ser usada. Outra habilidade pertinente é EF09LP07: consiste em comparar o uso de regência nominal na norma -padrão com seu uso no português brasileiro coloquial oral.

A seguir, os autores apresentam um conjunto de regras referentes à regência verbal e continua reconhecendo como legítimas as formas características do PB, como pode ser visualizado a seguir:

Figura 4 - Relação da regência de alguns verbos segundo a norma-padrão e o uso no PB

| Verbo  | Regência/preposição | Sentidos – usos – exemplos   |
|--|---------------------|--|
| assistir   | VTD                 | <ul style="list-style-type: none"> <li>acompanhar, prestar assistência:<br/>Os médicos assistiram o acidentado.</li> </ul>   |
|  | VTI (a)             | <ul style="list-style-type: none"> <li>ver, presenciar:<br/>Ontem assistimos a um clássico do cinema.</li> <li>Entretanto, o uso corrente é este:<br/>Ontem assistimos um clássico do cinema.</li> </ul>   |
|  | VTI (em)            | <ul style="list-style-type: none"> <li>residir, morar:<br/>Meu tio atualmente assiste em Fortaleza.</li> </ul>   |
| chegar e ir  | VI                  | <ul style="list-style-type: none"> <li>lugar:<br/>Chegou à casa da infância.<br/>Chegou a Brasília ontem.<br/>Vou ao centro da cidade.</li> <li>Entretanto, o uso corrente varia:<br/>Chegou na casa da infância.<br/>Chegou em Brasília ontem.<br/>Vou no centro da cidade.</li> </ul>  |
| obedecer e desobedecer                               | VTI (a)             | <ul style="list-style-type: none"> <li>fazer/não fazer o que é ordenado:<br/>Sempre obedece ao pai.</li> <li>Entretanto, o uso corrente é este:<br/>Sempre obedece o pai.</li> </ul>   |
| esquecer/<br>esquecer-se<br>e lembrar/<br>lembrar-se | VTD e VTI (de)      | <ul style="list-style-type: none"> <li>não reter/reter na memória (são transitivos diretos quando não pronominais e transitivos indiretos quando pronominais):<br/>Esqueci o compromisso. Lembrou que havia reunião.<br/>Esqueci-me do compromisso. Lembrou-se de que havia reunião.</li> <li>Entretanto, o uso corrente varia:<br/>Esqueci(-me)/Lembrei(-me) do compromisso.<br/>Esqueci/Lembrei o compromisso.<br/>Esqueceu(-se)/Lembrou(-se) de ligar para a mãe.<br/>Esqueceu-se/Lembrou-se (de) que havia reunião.</li> </ul> |
| simpatizar e antipatizar                             | VTI (com)           | <ul style="list-style-type: none"> <li>ter simpatia ou antipatia:<br/>Eu simpatizo com o seu projeto.<br/>Ela antipatizou com ele desde a primeira vez que o viu.</li> </ul>   |
| visar  | VTD                 | <ul style="list-style-type: none"> <li>mirar:<br/>O atirador visou o alvo, mas não acertou.</li> <li>pôr visto:<br/>Não posso viajar, pois não visei o passaporte.</li> </ul>  |
|  | VTI (a)             | <ul style="list-style-type: none"> <li>ter como objetivo, pretender:<br/>Está se aperfeiçoando, porque visa a uma promoção.</li> <li>Entretanto, o uso corrente é este:<br/>Está se aperfeiçoando, porque visa uma promoção.</li> </ul>  |

Ademais, ao tratar da colocação pronominal, os autores, inicialmente, apresentam o que apregoam os compêndios gramaticais e reconhecem a ordem não-marcada do PB:

Atualmente, no português do Brasil, principalmente na língua falada, mas também em alguns textos escritos, sobretudo quando se pretende reproduzir a fala, ou quando seja uma linguagem mais descontraída, a próclise é a forma mais utilizada na grande maioria das situações de colocação dos pronomes oblíquos átonos, mesmo quando este utilizado após vírgula ou em início de frase (Cereja; Vianna, 2024, p. 274)

Portanto, o capítulo que deveria sistematizar a variação linguística deixa uma grande lacuna, mas considera os usos já consagrados da realidade sociolinguística brasileira.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Foi possível verificar que o livro didático analisado na seção que aborda o fenômeno da variação linguística não trata esse fenômeno da forma que se esperava. Isso porque muitas pesquisas já foram desenvolvidas sobre a realidade sociolinguística e dialetal do Brasil, em especial nas universidades públicas brasileiras, caberia, pois, os autores mostrarem a variação diatópica e diastrática do PB.

Para discutir a variação linguística, os autores trazem a questão do Estrangeirismo. No entanto, é possível observar avanços no livro analisado, tendo em vista que, ao se tratar de fenômenos morfossintáticos, os autores apresentam uma visão contrastiva, apresentando uma comparação entre a norma subjetiva e objetiva.

Assim sendo, quando os autores tratam de Estrangeirismo e mais adiante abordam morfossintaxe, trata-se da função que a língua exerce ao ajustar os elementos linguísticos de outra língua que pode influenciar ou não a aceitação de palavras estrangeiras na língua portuguesa.

Sendo assim, quando os autores tratam de Estrangeirismo e mais adiante abordam morfossintaxe, trata-se da função que a língua exerce ao ajustar os elementos linguísticos de outra língua que pode influenciar ou não a aceitação de palavras estrangeiras na língua portuguesa. Bagno (2007, p. 29) menciona que a “a variação linguística ou fica em segundo plano na prática docente ou é abordada de maneira insuficiente, superficial, quando não distorcida.” A partir da análise podemos perceber que o conteúdo é abordado de forma superficial, sem uma discussão das variedades que compõem o português brasileiro.

Diante do exposto, a variação linguística em um livro didático não pode se restringir

apenas ao estrangeirismo, já que esse fenômeno é inerente à língua. Por isso, esta pesquisa evidencia relevância de análise dos livros didáticos que têm a sua importância inquestionável, mas apresenta lacunas que precisam ser identificadas e tratadas pedagogicamente, a exemplo da diversidade sociolinguística do país.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irlandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, Marcos. **Nada na Língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: edições Loyola, 1999.

BAGNO, Marcos. **Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais- Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa** Brasília, DF: MEC, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular, Brasília, DF: MEC, 2018.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Contribuição da Sociolinguística Educacional para o processo de ensino e aprendizagem da Linguagem. Disponível em: <<http://www.stellabortoni.com.br/index.php/artigos/707-iootaibuicois-ia-soiolioguistiaiuiaiiioal-paaa-o-paoisso-iosioo-i-apaioiizagimia-lioguagim>>. Acesso em 21 de junho de 2024.

BROCHENEK, S. Variação linguística e letramento: Uma discussão necessária. **Língua e Letras**. V. 15, nº 27, p. 173-188, 2013

COELHO, Paula Maria Cobucci Ribeiro. **O tratamento da variação linguística nos livros didáticos de português**. 162 f. Dissertação ( Mestrado em Linguística) Universidade de Brasília -UNB, Brasília, 2007.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATTOS E SILVA, Rosa Virginia. **O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas**. São Paulo: Parábola. 2005.

MACEDO, Júnior, Adriano Menino de. Abordagem da variação Linguística em livro didático da 6ª série do Ensino Fundamental. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, V.23, n 14, 18 de abril de 2023. Disponível em: <https://educaçãopublica.cecierj.edu.br/artigos/23/14abordagemda-variaçãolingüística-em-livro-didático-da-6ª-serie-do-ensino-fundamental>. Acesso em 29 de junho de 2024.

VIEIRA, Silvia Rodrigues. Três eixos para o ensino de gramática. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues (Org.). **Gramática, Variação e Ensino: Diagnose e propostas pedagógicas**. São Paulo: Blucher, 2018.

WILLIAN, Cereja; Carolina Dias Vianna. **Português Linguagens- 9º ano** Edição: 11ª São Paulo. 2022.